

2.2.1 TRABALHO CIENTÍFICO

Perspectivas da Agroecologia nas cidades: Experiências da Agricultura Urbana na região do M'Boi Mirim da cidade de São Paulo

Urban Agroecology Perspectives: Experiences of Urban Agriculture in M'Boi Mirim region of Sao Paulo City

BORGES DE SOUZA, Zilma¹; PORTO, LYA²; ABREU, Kate³; LIMA, Emma⁴; QUEIROGA, Fábio⁵; RODRIGUES, Joyce⁶
Fundação Getulio Vargas, borgeszilma@gmail.com¹; lyaporto2@gmail.com²,
katedayana@gmail.com³; queiroga.fabiobruno@gmail.com⁴; emmacunhalima@gmail.com⁵;
joyce@gestaopublica.etc.br⁶

Tema Gerador: Agroecologia e Agriculturas Urbana e Periurbana

Resumo: O trabalho apresenta resultados da pesquisa de Agricultura Urbana no projeto “Estação de Pesquisa M'Boi Mirim”, que tem como escopo vulnerabilidades de base territorial e envolve uma equipe interdisciplinar de três universidades. A pesquisa analisa o desenvolvimento da agricultura urbana no Jardim Ângela e no Jardim São Luís, região do M'Boi Mirim, Zona Sul de São Paulo, suas funções no território, práticas sociais e de geração de renda. O objetivo central é o de mapear as iniciativas existentes e prospectar oportunidades de indução complementar de ações para o uso dos diversos espaços privados e coletivos na produção de alimentos de base agroecológica na região.

Palavras-chave: agroecologia urbana; ação pública; políticas públicas, desenvolvimento territorial.

Abstract: The paper presents partial results of the research project Urban Agriculture at "M'Boi Mirim Research Station", which works on territorially based vulnerabilities and involves an interdisciplinary team from three universities. The research analyzes the development of urban agriculture in Jardim Angela and Jardim São Luís, located in the M'Boi Mirim region, in the South Zone of São Paulo, its functions in the territory, social practices and income generation. The central objective is to map the existing initiatives and prospect opportunities for complementary induction of actions on various private and collective use of spaces for agroecological food production in the region.

Keywords: urban agroecology; public action; public policies, territorial development.

Introdução

A Agricultura Urbana vem se desenvolvendo de forma significativa na cidade de São Paulo, especialmente nos últimos dez anos. Essa prática se insere em um movimento relevante que ocorre em grandes cidades em diversos países, e sempre esteve presente na cidade de São Paulo, ainda que invisível como tema público e de forma dispersa. Em 2004, criou-se o Programa de Agricultura Urbana do Município de São Paulo (PROAURP) e embora o programa sempre tenha tido uma posição marginal nas políticas públicas, nos últimos 5 anos o tema tem conquistado uma posição de maior destaque nas iniciativas do poder público local devido a um conjunto de fatores como: o fortalecimento das pressões políticas no poder legislativo e executivo em prol da Agricultura Urbana e orgânica; a intensificação de hortas comunitárias e projetos educativos na cidade; o crescimento da visibilidade e conscientização dos problemas ambientais e sociais relacionados à agricultura tradicional e a valorização da produção local e ecológica na cidade ou em áreas próximas à esta.

De acordo a estudos que vem sendo desenvolvidos em diversos países, incluindo distintas realidades como o Canadá, França, Argentina, Equador, México e Brasil, a Agricultura Urbana (AU) é uma atividade com potencial de trabalhar questões

transversais como segurança alimentar, geração de renda, educação alimentar e ambiental, recuperação de áreas verdes, ocupação de espaços públicos e fortalecimento da economia circular (Mougeot, 2005; Deelstra & Girardet, 2000; Nugent, 2000). Aliado a estas perspectivas, a própria prática da agricultura no meio urbano retoma um modo de vida mais integrado à natureza e discute modelos de produção, como a orgânica e a agroecológica, a articulação entre produtor e consumidor e a economia de proximidade. Este debate envolve alternativas de desenvolvimento local, lógicas diferentes de negócios e desafios para a transição para novos modelos de produção e consumo.

Algumas condições primárias para a viabilidade da AU estão relacionadas às seguintes premissas de acesso a serviços e condições materiais: (1) acesso a terrenos; (2) acesso a insumos agrícolas; (3) acesso a créditos e investimentos; (4) condições de comercialização como acesso a feiras e mercados; (5) acesso à assistência técnica, cursos técnicos e educação sobre cultivo de alimentos; (6) gestão de riscos, como possíveis soluções para eventuais contaminações do solo, da água e da terra. O acesso a esses serviços e materialidades envolvem a proximidade de organizações públicas e privadas, a articulação entre agricultoras/agricultores e organizações da sociedade civil para atuar em rede oferecendo apoios mútuos, assim como para pressionar e se articular com organizações públicas e privadas a fim de reivindicar serviços e estruturas que viabilizem a Agricultura Urbana na região.

Dada a transversalidade dessa atividade e os múltiplos serviços necessários para o seu desenvolvimento, esta pesquisa tem a finalidade de identificar os principais objetivos relacionados às práticas de AU implementadas na região do M'Boi Mirim, as condições de acesso aos serviços, o perfil de organização social e a gestão territorial em torno dessa atividade. Com uma população de 680.000 habitantes em áreas densamente habitadas da cidade de São Paulo, a região do M'Boi Mirim envolve dois distritos – Jardim Ângela e Jardim São Luís. Historicamente constituiu uma área de periferia ocupada por trabalhadores vinculados ao eixo industrial. Esse trabalho apresenta os principais achados da primeira etapa da pesquisa e consiste na caracterização dos principais tipos de Agricultura Urbana da região, o perfil das iniciativas e organizações envolvidas, assim como o nível de articulação social e institucional entre as iniciativas. Além disto, são analisadas as potencialidades para o desenvolvimento da AU em cidades e as condições que precisam ser supridas para sua continuidade.

Metodologia

As questões acima são abordadas e analisadas territorialmente na região em estudo- Jardim São Luís e Jardim Ângela, através de pesquisa qualitativa baseada em entrevistas semiestruturadas, entrevistas abertas, visitas de campo, participação em atividades relacionadas a AU, fóruns coordenados por associações locais e, análise de base de dados secundários. Foram realizadas 10 Entrevistas semiestruturadas e 5 entrevistas abertas com gestores públicos, gestores sociais e agricultores, além da realização de diferentes conversas com atores locais. Houve participação em dois encontros do Fórum das Águas e uma apresentação dos resultados parciais da pesquisa no Fórum de Pesquisadores, o primeiro organizado por lideranças locais e o segundo por Universidades que realizam pesquisas interdisciplinares na região do M'Boi Mirim. Além disto, a equipe de pesquisadores está em constante diálogo com os atores locais para a construção de redes entre agricultores, organizações comunitárias e órgãos governamentais. A pesquisa está inserida no Projeto Estação de Pesquisa Urbana – M'Boi Mirim que tem como

principal método de trabalho a pesquisa-ação e a investigação por meio do engajamento cotidiano no nível local (Thiollent, 2014, Spink 2014). Essa estratégia permite levantar dados por meio do engajamento territorial, realização de conversas e entrevistas com o objetivo de produzir informações e conhecimento para e com a população local. Dessa forma, pode-se obter um duplo resultado: a construção de análises que possam servir para a elaboração de soluções para problemas territoriais e a construção de análises que possam ser utilizadas para reflexões acadêmicas e científicas. Ademais, a partir dessa estratégia de pesquisa, a imersão na coleta de dados e informações regionais também ocorre juntamente com o engajamento dos pesquisadores com a população local para a construção de ações e articulações sócio-institucionais que possibilitem o enfrentamento de problemas locais.

Resultados de pesquisa e discussão

A primeira etapa do projeto gerou como principal resultado o mapeamento das iniciativas de Agricultura Urbana na região. Até então, a AU era uma atividade invisível no território, com poucas articulações entre os atores envolvidos no local, e com o debate público sobre o tema no município de São Paulo.

A pesquisa identificou que o Território apresenta diferentes tipos de iniciativas relacionadas à AU e vários projetos em fase inicial, mas sem conexões bem estruturadas. Não existe uma rede consolidada de ação e articulação em torno da Agricultura Urbana, de forma que as interações regionais em torno desse tema ocorrem de forma muito pontual a partir de projetos e ações específicos.

O território apresenta os seguintes tipos de AU: (i) AU como geração de renda em espaços institucionais ou em terrenos privados; (ii) AU como atividade comunitária e social (iii) AU como atividade educativa, e de forma transversal, a atenção às questões ambientais. Todas as iniciativas são desenvolvidas através de técnicas de cultivo agroecológica, com exceção de um grupo de produtores que trabalha em um terreno próximo ao CEU-Guarapiranga.

A Agricultura Urbana como geração de renda é praticada por agricultores que se organizaram através da Incubadora Ângela de Cara Limpa, pelos agricultores do projeto Semeando o Futuro e por produtores que utilizam terreno próximo ao CEU-Guarapiranga. Atualmente, os agricultores da Incubadora Ângela de Cara Limpa produzem no local do projeto, assim como em um terreno da Associação Monte Azul. Até esse momento, foram identificados seis Unidades Produtivas na região, que tem como finalidade direta a geração de trabalho e renda.

A AU como atividade social e comunitária é mobilizada pelo Coletivo Dedo Verde e conta com 4 hortas em terrenos concedidos pela prefeitura e por ONGs. O coletivo promoveu a criação de hortas com pontos de compostagem em espaços institucionais governamentais e não-governamentais geridas pela comunidade local. Nesse sentido, as hortas representam dispositivos para o fortalecimento comunitário em torno de práticas saudáveis e ecológicas.

A AU como atividade educativa ocorre por meio de projetos escolares, com atuação direta de diretores de escolas e projetos mais institucionalizados, como o do CEU-Guarapiranga, que está planejando a implantação de hortas educativas juntamente à Diretoria Regional de Educação (DRE). Dentre as 170 escolas sob administração direta e indireta da DRE-Campo Limpo, que tange os distritos do Jardim São Luís, Jardim Ângela, Capão Redondo e Campo Limpo, 40 escolas desenvolvem projetos de horta escolar. Segundo um dos gestores da DRE, a iniciativa da implementação dos projetos vêm de iniciativas individuais de professores e educadores. Já o apoio

técnico para implantação e manutenção das hortas geralmente é realizada por pessoas da comunidade que vieram das zonas rurais e trabalhavam com agricultura. Para viabilizar a implantação das hortas, as escolas acessam verbas de incentivo a projetos de extensão e algumas acessam verbas do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE).

Agroecologia e Agricultura Urbana na região do M'Boi Mirim de São Paulo

A produção e o consumo de alimentos livres de agrotóxicos fazem parte de um contexto bastante específico, especialmente quando se trata de pequenos produtores urbanos. Esse tipo de produção envolve o conhecimento de técnicas de cultivo orgânico que envolvem a produção de certa variedade de produtos. Mesmo que não haja certificação orgânica do produto, o que implica em custos adicionais, trata-se de uma produção que envolve maiores complexidades do que uma produção convencional. Além disso, produtores e consumidores envolvidos com a agricultura ecológica geralmente prezam por uma remuneração mais justa aos produtores.

Entre os produtores que utilizam técnicas de cultivo orgânico foram encontrados dois tipos de produtores na região do Jardim Ângela e do Jardim São Luís. Aqueles que conseguem sobreviver a partir da renda proveniente da agricultura e comercializam com públicos específicos da região ou com consumidores de outras regiões e aqueles que produzem como renda complementar, mas não vivem da agricultura, comercializam os produtos na própria horta, com a população do entorno. Foi possível observar que os produtores da Incubadora Ângela de Cara Limpa e do projeto Semeando o Futuro são agricultores que vivem da agricultura, e aqueles envolvidos nas hortas do Coletivo Dedo Verde, tem um enfoque menos comercial e vendem produtos no próprio local com preços compatíveis ou abaixo do preço de alimentos com agrotóxicos vendidos em sacolões e feiras livres.

Atores que mobilizam AU no Território

Existem algumas organizações-chave que mobilizam a AU no território. Algumas organizações são mais proativas impulsionando a criação e o estabelecimento de projetos, como é o caso do Coletivo Dedo Verde, da Incubadora Ângela de Cara Limpa e das escolas. A Associação Monte Azul tem se destacado como promotora e consumidora dos produtos dos agricultores, assim como disseminadora da importância da agricultura ecológica. Em termos de articulação de atores e projetos, a Diretoria Regional de Educação tem se destacado no que tange às hortas escolares e às hortas educativas planejadas para os CEUs da região. A atuação da subprefeitura do M'boi Mirim ainda será investigada, mas sabe-se que houve uma interrupção de apoios à agricultura na região, devido à troca de gestão ocorrida em junho de 2016. Algumas organizações já tiveram ações e contatos pontuais que podem ser envolvidos em parcerias mais estruturadas, como é o caso do Sesc Campo Limpo, do Cades, da Secretaria Estadual de Agricultura e do Conselho Municipal de Segurança Alimentar. Está em curso uma articulação com a Transpetro para utilizar um terreno para a agricultura.

Considerações finais A Agricultura Urbana é uma atividade com potencial de mobilizar questões transversais como segurança alimentar, geração de renda, educação alimentar e ambiental, recuperação de áreas verdes, ocupação de espaços públicos e fortalecimento da economia circular. Aliado a estas perspectivas, a própria prática da agricultura no meio urbano retoma um modo de

vida mais integrado à natureza e discute modelos de produção, como a orgânica e agroecológica, a articulação entre produtor e consumidor e a economia de proximidade. Este debate envolve alternativas de desenvolvimento local, lógicas diferentes de negócios e desafios para a transição para novos modelos. Ao mesmo tempo, envolve conflitos que se relacionam ao uso dos espaços públicos nas cidades, à criação de políticas e programas nos diversos níveis de governo e disputas por recursos.

A AU na região do M'Boi Mirim assume diferentes características, algumas em estágio embrionário e outras com maior densidade, que provém da articulação com equipamentos públicos existentes. Chama a atenção a existência de diversos projetos e a visão assumida por estes, de integração à temas relacionados a questões ou características territoriais. Não estão no entanto, articuladas entre si e não possuem associações que as representem de forma a alcançar espaços de interlocução mais amplos. Com isto, atuam de forma mais restrita, sem vinculação a outras organizações que atuam na cidade. Não se pode dizer, no entanto, que aconteçam de forma isolada, e parecem demonstrar mais perspectivas de fortalecimento pela conexão com temas de interesse do território, constituídos por lutas e organização de associações e fóruns em torno de problemas da região. Ou seja, embora um dos aspectos centrais do caráter da Agricultura Urbana nessa região seja a atomização e pouca articulação entre as iniciativas, estas são fundamentadas por lógicas próximas às funções que a agricultura urbana vem alcançando em experiências nacionais e internacionais. Nota-se assim a existência de dinâmicas que abrangem diversos temas, desde o direito à cidade, pelo uso dos espaços públicos, à segurança alimentar, orientação para nutrição e saúde e à conservação ambiental. As experiências encontradas apontam também para uma perspectiva de inclusão de interesses diversos, ao abranger desde pequenos produtores, com foco comercial, a outros vinculados a práticas que trazem como resultados a expansão de espaços de sociabilidade e convívio. Neste sentido, para continuidade de pesquisa interessam tanto as relações entre as diversas experiências, como a compreensão de cada uma das questões mobilizadoras da agricultura urbana e suas dinâmicas no território. Ademais, como a pesquisa adota o método da pesquisa-ação, daremos continuidade para o fortalecimento das redes locais de AU e a inclusão e articulação das questões de AU do território nos debates públicos de AU no município de São Paulo como um todo.

Referências Deelstra, T; Girardet, H (2000). **Urban Agriculture and Sustainable Cities**. In: N. Bakker, M. Dubbeling, S. Guendel, U. Sabel Koschella, H. de Zeeuw (eds.) Growing Cities, Growing Food, Urban Agriculture on the Policy Agenda, DSE, 2000.

Mougeot, L (2005) **Agropolis: the social, political and environmental dimensions of urban agriculture**. Ottawa: Earthscan, IDRC.

Nugent, R. (2000) **The impact of urban agriculture on the household and local economies**. In : N. Bakker, M. Dubbeling, S. Guendel, U. Sabel Koschella, H. de Zeeuw (eds.) Growing Cities, Growing Food, Urban Agriculture on the Policy Agenda, DSE.

Spink, P.K. Bringing the horizon back in: the mid-range approach to Organizational Studies. Revista Brasileira de Estudos Organizacionais. 1,1, 2014

Thiollent, M. Estudos Organizacionais: possível quadro referencial e interfaces. Revista Brasileiro de Estudos Organizacionais. 1,1, 2014